

1

A noite passada sonhei que voltava a Manderley. Pareceu-me estar junto do portão de ferro e por um instante não pude entrar porque o caminho me estava barrado. O portão tinha um cadeado e uma corrente. No meu sonho chamei pelo porteiro, não obtive resposta e, olhando melhor por entre as grades enferrujadas, vi que a casa dele estava desabitada.

Não saía fumo pela chaminé e as pequenas gelosias estavam abertas, ao abandono. Depois, como todos os sonhadores, vi-me subitamente dotada de poderes sobrenaturais e passei como um espírito pela barreira diante de mim. A entrada serpenteava à minha frente, sinuosa e curva como sempre fora, mas ao avançar apercebi-me de que estava diferente; estreita e maltratada, já não era aquela que conhecêramos. De início, fiquei intrigada e não compreendi e só quando inclinei a cabeça para me desviar de um ramo baixo é que percebi o que tinha acontecido. A natureza impusera-se de novo e, a pouco e pouco, à sua maneira firme, insidiosa, apoderara-se da entrada com dedos compridos, tenazes. O mato, sempre uma ameaça já no passado, acabara por triunfar. Amontoava-se, escuro e descontrolado, nas bordas do caminho. As faias com troncos brancos e lisos encostavam-se umas às outras, os ramos entrelaçados num estranho abraço, formando uma abóbada por cima da minha cabeça como o arco de uma igreja. E havia também outras árvores, árvores que eu não reconheci, carvalhos atarracados e olmos que se perfilavam com as faias e haviam irrompido do solo aquietado juntamente com arbustos e plantas enormes, dos quais eu não me lembrava.

A entrada era agora uma fita, um fiapo do que tinha sido, já sem a gravilha e sufocada por vegetação e musgo. As árvores de ramagem baixa criavam um obstáculo à marcha; as raízes nodosas pareciam garras de esqueletos. Dispersas aqui e ali por entre o matagal, reconheci plantas que haviam sido marcos no nosso tempo, exemplos de cultura e requinte, as famosas hortênsias azuis. Sem mão humana a domá-las, tinham crescido selvagens, atingindo alturas monstruosas sem uma única flor, negras e feias como os parasitas anónimos que ao lado delas cresciam.

E assim, ora para leste ora para oeste, serpenteava o pobre carreiro que em tempos fora a nossa entrada. Por vezes julgava-se perdido, mas de novo aparecia, sob uma árvore caída talvez, ou lutando do outro lado de um dique lamacento criado pelas chuvas do Inverno. Não o julgara tão comprido. Decerto que os metros se multiplicaram, como sucedera ao arvoredo, e este trilho ia dar a um labirinto, alguma mata asfíxiada, e não à casa. Cheguei lá de repente; a aproximação mascarada pelo crescimento invulgar de um enorme arbusto que se estendia em todas as direcções e parei, com o coração a martelar-me dentro do peito, o estranho ardor das lágrimas nos olhos.

Lá estava Manderley, a nossa Manderley, misteriosa e silente como sempre havia sido, a pedra cinzenta brilhando no luar do meu sonho, as janelas de pinázios reflectindo o verde dos relvados e o terraço. O tempo não conseguia destruir a simetria perfeita daquelas paredes, nem o próprio edifício, uma jóia na palma de uma mão.

O terraço descia para o jardim relvado, o jardim relvado estendia-se até ao mar e, virando-me, avistei o plácido lençol de prata sob o luar, como um lago imperturbado por vento ou tormenta. Não havia ondas encrespando esse mar do meu sonho nem banco de nuvens soprado pelo vento do oeste a obscurecer a limpidez desse céu claro. Virei-me de novo para a casa e, embora permanecesse inviolada, intacta, como se a tivéssemos deixado na véspera, vi que o jardim cumprira a lei da selva, tal como a restante vegetação. Os rododendros atingiam os quinze metros de altura, retorcidos e entrelaçados com os fetos, e tinham-se unido em estranho casamento com uma hoste de arbustos anónimos, pobres bastardos que se lhes agarravam às raízes com se conscientes da sua origem ilegítima. Um lilás acasalara com uma faia-europeia e, para os unir ainda mais

um ao outro, a malvada hera, eterna inimiga da beleza, lançara-lhes os tentáculos em volta, aprisionando-os. A hera reinava neste jardim abandonado, as longas guias serpenteavam pela relva e em breve envolveriam a própria casa. Havia também outra planta, algum híbrido cuja semente fora em tempos idos espalhada debaixo das árvores e depois esquecida e que agora, marchando em uníssono com a hera, lançava o seu corpo feio como um ruibarbo gigantesco em direcção à erva tenra onde dantes floresciam os narcisos.

Urtigas por todo o lado, a vanguarda do exército. Asfixiavam o terraço, estendiam-se pelos carreiros, encostavam-se, vulgares e esgalgadas, às próprias janelas da casa. Eram sentinelas indiferentes, pois em muitos sítios as suas fileiras tinham sido violadas pela planta invasora, e lá estavam, de corolas engelhadas e hastes apáticas, formando um trilho para os coelhos. Saí da entrada para o terraço já que, a sonhar, as urtigas não eram barreira para mim. Caminhava num encantamento e nada me detinha.

O luar consegue pregar partidas à imaginação, mesmo à imaginação de um sonhador. Ali, muda e queda, iria jurar que a casa não era uma concha vazia, mas que vivia e respirava como em tempos vivera.

Havia luz nas janelas, as cortinas ondulavam mansamente ao ar da noite e lá, na biblioteca, a porta estaria entreaberta como a deixámos, com o meu lenço em cima da mesa ao lado da jarra com rosas de Outono.

A divisão atestava a nossa presença. O pequeno monte de livros para devolver à biblioteca e o *The Times* lido e posto de lado. Cinzeiros, com uma ponta de cigarro; almofadas, com a marca das nossas cabeças, repousando nos cadeirões; as brasas da lareira ainda fumegantes de manhã. E Jasper, o nosso querido Jasper, com os seus olhos tristes e enorme papada, estirado no chão, a abanar a cauda quando ouvia os passos do dono.

Uma nuvem até ali invisível encobriu a lua e assomou por um instante como uma mão escura à frente de um rosto. A ilusão desapareceu e as luzes nas janelas apagaram-se. Fiquei a olhar para uma concha triste, por fim sem alma, desassombrada, sem qualquer sussurro do passado no olhar fixo das suas paredes.

A casa era um sepulcro, o nosso medo e sofrimento jaziam enterrados nas ruínas. Não haveria ressurreição. Quando pensasse em

Manderley, nas minhas horas de vigília, não ficaria amargurada. Devia pensar nela como ela seria se acaso eu lá pudesse ter vivido sem medo. Devia recordar o roseiral no Verão e as aves que cantavam ao amanhecer. O chá debaixo do castanheiro e o murmúrio do mar a chegar-nos dos relvados lá em baixo.

Pensaria no lilás florido e no Vale Feliz. Eram coisas permanentes, não podiam dissipar-se. Eram memórias que não magoam. Tudo isso decidi no meu sonho, enquanto as nuvens se estendiam pela face da lua, pois, como muitos adormecidos, sabia que estava a sonhar. Na verdade, encontrava-me a muitas centenas de quilómetros numa terra estranha e ia acordar, dali a segundos, no esquálido quartinho de hotel, reconfortante na sua própria impessoalidade. Daria um suspiro, espreguiçava-me e virava-me para o lado e abria os olhos, aturdida com aquele sol cintilante, aquele céu impiedoso, limpo, tão diferente do luar suave do meu sonho. Teríamos o dia todo pela frente, comprido decerto, e monótono, mas repleto de uma certa quietude, uma grata tranquilidade que não conhecêramos antes. Não falaríamos de Manderley. Eu não contaria o meu sonho. Porque Manderley já não era nossa. Manderley não existia.